

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

IPAWYGI RINALDO TAPIRAPÉ

A GESTAÇÃO DA MULHER APYÃWA/TAPIRAPÉ

**Barra do Bugres
2016**

IPAWYGI RINALDO TAPIRAPÉ

A GESTAÇÃO DA MULHER APYÁWA/TAPIRAPÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regiane Cristina Custódio

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T172g TAPIRAPÉ, Ipawygi Rinaldo.

A gestação da mulher *Apyãwa/Tapirapé* / Ipawygi Rinaldo Tapirapé. – Barra do Bugres, 2016.

31 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Regiane Cristina Custódio.

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Aldeia *Tapi'itãwa*. 2. Terra Indígena Urubu Branco. 3. Mulheres *Apyãwa*. 4. Parto Tradicional. I. Custódio, R. C., Dra. II. Paes, M. H R., Dra. III. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

IPAWYGI RINALDO TAPIRAPÉ

A GESTAÇÃO DA MULHER APYÁWA/TAPIRAPÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 12 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Regiane Cristina Custódio
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Co-orientadora

Prof. Me. Isaías Munis Batista
Professor Avaliador

Prof. Ma. Isamar Valdevino Froio Torres
Professora Avaliadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Xywaeri José Pio Tapirapé e Pawygoo Tapirapé, que são meus eternos mestres. A todos os meus irmãos e filhos, que me incentivaram e contribuíram para que eu realizasse meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço meus pais, Xywaeri José Pio Tapirapé e Pawygo Tapirapé, e à minha esposa, Ana Claudia Awokopytyga Tapirapé, pelo incentivo e confiança. Eles foram verdadeiros orientadores.

Aos meus filhos, Claríssia Myaxowoo Tapirapé, Moroxawoo'i, Renan Tapirapé, pelo carinho.

Agradeço à pessoa entrevistada, Xywaeri José Pio Tapirapé, pelas informações relevantes que contribuíram significativamente para realização desta pesquisa.

Agradeço especialmente a minha comunidade, pela confiança que eles deram por mim e acreditaram na minha pessoa.

A todos os professores e professoras de Unemat – *Campus* de Barra do Bugres – MT, pelo muito que aprendi durante meu estudo. Especial, aos meus orientadores, a toda a equipe da Faculdade Indígena Intercultural, que muito contribuiu para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na Aldeia *Tapi'itãwa*, Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa – Mato Grosso. O objetivo é demonstrar que as mulheres do povo *Apyãwa* estão realizando, além do parto tradicional, também parto na cidade. Descrevo ainda sobre como algumas mulheres tiveram parto tradicional há um tempo, e, recentemente, estão tendo seus filhos em parto cesariano. Com a substituição do parto tradicional do povo *Apyãwa* pelo parto cesariano do não indígena, me interessei por fazer este registro, enquanto ainda permanece forte e viva a nossa tradição cultural. Para realizar a pesquisa, entrevistei um educador tradicional, um ancião do povo *Apyãwa* que concedeu as informações sobre a realização do parto tradicional. Com esse registro, quero contribuir para a valorização da realização do parto tradicional do povo *Apyãwa* e incentivar a comunidade a respeitar a importância da manutenção das formas tradicionais de transmissão de conhecimentos culturais.

Palavras-chave: Aldeia *Tapi'itãwa*. Terra Indígena Urubu Branco. Mulheres *Apyãwa*. Parto tradicional.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 –	Relação de mulheres que tiveram filho (primeiro dia de coleta).....	22
Quadro 02 –	Relação de mulheres que tiveram filho (terceiro dia de coleta)	24
Quadro 03 –	Relação de mulheres que tiveram filho (quinto dia de coleta)	25

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 –	Terra Indígena Urubu Branco	10
Figura 02 –	Fauna da Terra Indígena Urubu Branco.....	11

SUMÁRIO

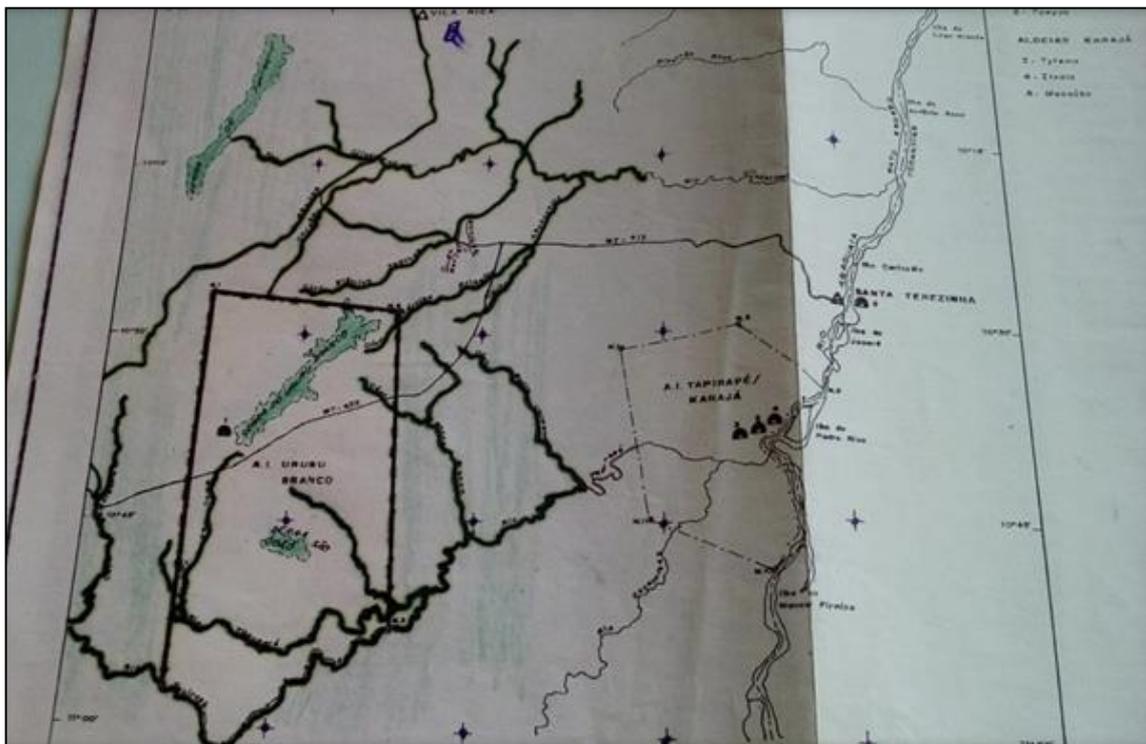
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – HISTÓRIA DO POVO APYÁWA/TAPIRAPÉ	12
CAPÍTULO II – MITO DE ORIGEM DO POVO APYÁWA	14
CAPÍTULO III – O CASAMENTO TRADICIONAL DO POVO APYÁWA	17
3.1 Como era o casamento tradicional em 1935	19
CAPÍTULO IV – A IMPORTÂNCIA DA GESTAÇÃO APYÁWA	21
4.1 Sobre o parto e os primeiros cuidados com o bebê	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30
CONSULTOR NATIVO.....	30

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento a pesquisa sobre A GESTAÇÃO DAS MULHERES APYÃWA, que foi feita na Aldeia *Tapi'itãwa*, Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa, em Mato Grosso. Pertencem a etnia *Apyãwa*, residem na Aldeia *Tapi'itãwa*, onde trabalham na Escola Indígena Estadual "*Tapi'itãwa*". O povo *Apyãwa* é falante da língua materna *Apyãwa*, pertencente ao tronco lingüístico Tupi, da família Tupi-Guarani. O povo se situa em duas Terras Indígenas: Terra Indígena Urubu Branco, localizada nos Municípios de Confresa e Porto Alegre do Norte, em Mato Grosso e na Área Indígena Tapirapé/Karajá que está localizada no Município de Santa Terezinha, também em Mato Grosso.

Atualmente, a população é de aproximadamente 1.000 pessoas (Um Mil), distribuídas em oito (08) aldeias: *Tapi'itãwa*, *Myryxitãwa* e *Tapiparanytãwa* pertencem ao Município de Confresa, MT, *Towajaatãwa*, *Wiriaotãwa* e *Inataotãwa* abrangem uma área de terra no Município de Porto Alegre do Norte, em Mato Grosso. A aldeia *Akara'ytãwa* que pertence ao município de Santa Terezinha, em Mato Grosso. Nesta área totalizam-se sete (07) aldeias, e a última está localizada no município de Santa Terezinha, que é a aldeia *Majtyritãwa*.

Figura 01 – Terra Indígena Urubu Branco



Fonte: Autor desconhecido

A Terra Indígena Urubu Branco é um lugar sagrado, onde os nossos antepassados viviam. Acima demonstramos através da figura 01, a localização da Terra Indígena Urubu Branco, num desenho realizado pelos alunos do curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG/2016). Já a figura 02, abaixo, traz uma representação da fauna encontrada na Terra Indígena Urubu Branco, também em desenho realizado pelos alunos do curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG/2016).

Figura 02 – Fauna da Terra Indígena Urubu Branco



Fonte: Autor desconhecido

A seguir, no próximo capítulo, falo da história do povo *Apyãwa/Tapirapé*.

CAPÍTULO I – HISTÓRIA DO POVO APYÃWA/TAPIRAPÉ

O povo *Apyãwa/Tapirapé* é falante da língua Apyãwa, pertencente ao tronco linguístico Tupi, e da família Tupi-Guarani, vive em duas áreas indígenas: Terra Indígena Urubu Branco, localizada nos Municípios de Confresa-MT e Porto Alegre do Norte-MT, e na Área Indígena Tapirapé/Karajá que está localizada no Município de Santa Terezinha, MT. Atualmente, como já dito antes, a população é de aproximadamente 1.000 pessoas, distribuídas em oito aldeias: *Tapi'itãwa*, *Myryxitãwa*, *Akara'ytãwa*, *Tapiparanytãwa*, *Towajaatãwa*, *Wiriaotãwa*, *Inataotãwa* que abrangem em os Municípios de Confresa e Porto Alegre do Norte, em Mato Grosso e apenas Aldeia *Majtyritãwa* é situada no Município de Santa Terezinha Mato Grosso.

Desde muitos anos, os nossos antepassados habitavam nesse lugar sagrado (*Ipirakwaritãwa*), que atualmente é denominado de *Tapi'itãwa* (Terra Indígena Urubu Branco).

De acordo com os anciões da aldeia, nessa região havia várias aldeias do nosso povo *Apyãwa* que denominamos de: *Ami'atãwa*, *Maakotãwa*, *Moo'ytãwa*, *Xexotãwa*, *Tokynookwatãwa*, *Kanie'ytãwa*, *Ywaopetãwa*, *Ipirawarootãwa*, *Okoytãwa*, *Xanypatãwa*, *Xeke'atãwa*, e outras, mas que os nomes não foram recordados.

O meu povo *Apyãwa* andava em várias regiões de Mato Grosso e ia até no Estado de Pará e hoje existe uma cidade Conceição do Araguaia no lugar sagrado Apyãwa.

Na entrevista realizada com o ancião Xywaeri José Pio Tapirapé ele relatou que a população Apyãwa era em número maior do que é atualmente, depois que os não indígenas chegaram nas aldeias Apyãwa trouxeram várias doenças que virou epidemias. Com isso, o nosso povo *Apyãwa* não resistiu a essas doenças estranhas que os próprios pajés não conseguiam tratar. Assim, o povo *Apyãwa* quase foi extinto por causa das epidemias. As doenças desconhecidas eram: sarampo, catapora, malária, gripe, etc.

Foi através dessas doenças que o nosso povo morreu muito, pois naquela época, em 1911, não tinha nenhum controle como medicamento e com isso quase acabou o povo *Apyãwa*.

Segundo Baldus (1970) na década de 50 do século XX, o nosso povo foi levado pelo Serviço de Proteção ao Índio/SPI para aldeia Karajá (*Itxala*), onde recebeu atendimento das Missões Católicas e graças ao apoio recebido, o nosso povo começou a aumentar e atualmente o povo está forte e é respeitado etnicamente.

O nosso povo até o momento mantém fortemente a língua original que é a língua materna, por isso, a nossa cultura e as festas tradicionais são muito valorizadas e praticadas.

Para conhecer sobre os partos tradicionais, realizei pesquisa qualitativa e tive a oportunidade de entrevistar alguns dos velhos *Apyãwa* que conhecem melhor sobre os partos tradicionais.

A comunidade *Apyãwa* tem sua própria organização social, ou seja, existem dois grandes subgrupos que são: *Araxã* e *Wyraxiga*. Os grupos se reúnem ou se dividem quando ocorre uma festa de iniciação, na construção da *Takãra*¹ ou no ritual de *Xepaanogãwa*².

Também vou citar o modo de construir a nossa aldeia, que desde muito tempo atrás a formação de uma aldeia *Apyãwa* é construída de forma circular e no meio tem a casa dos homens, que chamamos de (*Takãra*).

Assim, descrevi sobre a nossa história que ocorreu na época passada e atualmente. Nas linhas seguintes falo sobre o mito de origem do povo *Apyãwa*.

¹Uma casa grande que fica localizada no centro da aldeia.

²Uma cerimônia realizada para alegrar espírito e afastar coisas ruins. Nessa cerimônia apenas os homens participam.

CAPÍTULO II – MITO DE ORIGEM DO POVO APYÁWA

De acordo com informações que constam no Plano Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena *Tapi'itãwa* (2009) o surgimento dos nossos ancestrais é assim contado pelos nossos anciões: o nosso povo *Apyãwa* vivia em grupos que moravam em vários lugares. O grupo *Mani'ytywera* morava embaixo da terra. Sabemos que havia em cima do grupo de *Mani'ytywera* um pé de mandioca “*mani'ywa*”. Diz que o grupo de *Mani'ytywera* também estava fazendo rachar a terra junto com as raízes de mandioca. Também o grupo de *Mani'ytywera* estava morando no fundo da terra e havia em cima dele o pé de mandioca morando junto. O povo de *Mani'ytywera* estava arrumando a sua casa e tirando a terra da sua casa em cima da mandioca, porque o pé de mandioca “*mani'ywa*” estava em cima das pessoas *Mani'ytywera*, por isso, é que vai servir como o nome desse grupo. O grupo de *Mani'ytywera* estava veio rachando a terra até sair e quando os *Mani'ytywera* saíram do fundo da terra para fora, ficaram assustados:

- ãã! – Estranharam o dia, que eles viram pela primeira vez.

O grupo de *Mani'ytywera* dizia:

- Nós estamos habitando no lugar onde o dia sempre escurece. Então, vamos vendo o dia claro!

Depois que saíram todas as pessoas, o grupo de *Mani'ytywera* jogou terra em cima do buraco até tampar tudo.

Portanto, em primeiro lugar, surgiu um grupo de *Mani'ytywera* que ficou sozinho habitando a terra, mas quando os *Mani'ytywera* saíram todos, ficaram andando na terra dia após dia. Quando eles estavam andando, diz que o grupo de *Mani'ytywera* foi ouvindo o barulho do grupo de *ãpirape* perto da estrada. Também o grupo de *ãpirape* estava morando em uma casa bem ampla no fundo da terra.

Quando algumas pessoas do grupo *Mani'ytywera* estavam andando na estrada ouviram barulho de conversa e se assustaram.

- Ah! Quem está ficando aqui?

Dizem que eles ouviram uma conversa, bem baixinha, e foram ficar em cima. Assim, eles ouviriam a conversa dos *ãpirape* no fundo da terra.

Quando voltaram, eles contaram para seu grupo *Mani'ytywera*, que ouviram um barulho. E eles imaginaram:

- Será que não é um nosso parente que está habitando no mesmo lugar que nós habitávamos também? Assim, eles contaram para o grupo. Eles disseram:

- Vamos pessoal, vocês vão ouvir! Dizem que eles foram junto com suas esposas e seus filhos ver o local onde estavam os outros.

Quando os *Mani'ytywera* ouviram a conversa dos *Ãpirape*, no fundo da terra, eles imaginaram que seria mesmo um parente. Os *Mani'ytywera* disseram:

- Vamos tirar, vamos!

Havia também medo do outro grupo. Aí os *Mani'ytywera* disseram:

- Vamos tirar só um pouquinho, porque talvez tenha outros bichos! Quando furaram a terra, viram um buraco grande e os *Ãpirape* falaram para os *Mani'ytywera*:

- Por que vocês vieram invadindo, derrubando a nossa casa? Não pode derrubar a nossa casa, nos deixem em paz. Aí os *Mani'ytywera* se assustaram:

-Ah, sabia que é nosso parente?

Então, eles cavaram um buraco para tirar todos. Depois de terminar de cavar, os *Mani'ytywera* perguntaram para os *Ãpirape* se poderiam tirá-los. Aí os *Mani'ytywera* falaram para os *Ãpirape*:

- Foi desse jeito que nós saímos também.

E foi assim que os *Ãpirape* saíram do fundo da terra com suas esposas, filhos, avôs e avós.

Depois de saírem todos, os *Mani'ytywera* ficaram morando junto com os *Ãpirape*, cada grupo contando a sua história para o outro grupo. Depois de sair, o grupo de *Ãpirape* ficou andando junto com os *Mani'ytywera*. Ficaram andando pela mata, pela terra, até que acharam mais um grupo chamado *Kawaro'i*.

Dizem que o grupo de *Kawaro'i* habitavam no oco da árvore chamada *ywytytyo*. Eles comiam o fruto *emoywã* e varriam embaixo da fruteira, deixando limpinho. Também dizem que caía muita fruta *emoywã*, aí dizem que bem cedo, eles saíam do oco de *ywytytyo* para comer o fruto *emoywã*.

Depois que o pessoal do grupo *Kawaro'i* saiu todo, eles foram para casa. Quando já haviam sido tirados três grupos, *Mani'ytywera*, *Ãpirape*, *Kawaro'i*, eles ficaram demorando muito tempo sem achar mais ninguém, até que novamente acharam o grupo de *Kawaroo*. Dizem que também o grupo de *Kawaroo* estava habitando dentro do oco de um pau. Aí dizem que o pessoal chegou lá falando para eles saírem do oco do pau. Aí, eles saíram e ficaram junto com os outros.

Depois de achar os *Kawaroo*, o pessoal achou o grupo de *Tawaopetywa*. Dizem que o grupo de *Tawaopetywa* habitava embaixo da *tawaawa*. O pessoal foi tirar o grupo de

Tawaopetywa bem cedinho, dizem que havia *tawaawa* em cima da casa dos *Tawaopetywa*. E depois eles tiraram com tranquilidade.

Havia também o grupo dos *Parany*, que habitava no final do rio *Parany*. Dizem que o pessoal achou esse grupo e, novamente, retirou as pessoas do rio *Parany*, trazendo-as para sua aldeia.

O grupo de *Xakarepera* também habitava no final do rio junto com Jacaré, “*Xakare*”. Até que o pessoal achou o grupo deles, mandou as pessoas saírem e novamente, as trouxeram para sua casa.

Enquanto isso, os outros continuavam procurando outros grupos.

Até que acharam o grupo dos *Awajky* e eles estavam morando no fundo da terra “*Ywyroare*” também. E o pessoal os tirou também. Depois de acharem todos os grupos, o pessoal se reuniu para combinar a construção de uma aldeia redonda como um círculo. Atualmente, nós estamos mantendo a regra da aldeia circular.

Cada grupo que surgiu recebeu um nome para o seu grupo de *Tataopãwa*: *Mani’ytywera*, *Ãpirape*, *Xakareperi*, *Kawaro’i*, *Kawaroo*, *Parany* e *Awajky*. Esses são todos os grupos mantidos nos rituais de *Tataopãwa*³ até hoje.

A seguir, falarei sobre o casamento tradicional do povo *Apyãwa*.

³ Cerimônia para agradecer espírito e nessa cerimônia pode participar mulheres também. Também esta cerimônia é realizada para que não aconteça nada de ruim.

CAPÍTULO III – O CASAMENTO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA

Neste capítulo, apresento sobre o casamento tradicional do Povo *Apyãwa*, que faz parte da nossa cultura. Todas as informações foram concedidas pelo sábio *Xywaeri* José Pio Tapirapé.

Anteriormente, o casamento *Apyãwa* era muito rígido, era um casamento de forma tradicional de acordo a identidade *Apyãwa*. Com isso, os nossos casamentos eram sempre valorizados e praticados na cultura.

O casamento acontecia pela escolha dos pais, tanto da menina quanto do menino, isso ocorria desde que uma menina ou menino estava no ventre da sua mãe, por exemplo: escolher a esposa do menino era responsabilidade da mãe e escolher o marido da menina, era da competência do pai. Com isso as famílias da moça e do rapaz entravam com bom senso uns com os outros.

Daí ninguém de outra família poderia ter compromisso com ele e ela, porque esses dois meninos já nasciam compromissados. Então, quando essas duas crianças nasciam eles eram marcados por um cordão de embira que era tirado pelo pai do menino ou da menina para sinalizar o compromisso. O pai amarrava esse cordão no pescoço deles para indicar que estavam prometidos um ao outro.

Durante o crescimento deles, os próprios pais iam cuidando dos noivos, como por exemplo: quando o pai do menino ia pescar ou caçar, a mãe do menino levava peixe ou caça para a noiva, com isso, desde criança os dois comiam juntos.

Agora, quando a menina tivesse a primeira menstruação, a própria mãe da menina ia atrás do namorado, porque neste momento, os resguardos deles eram muito importantes para cada um. Por isso mesmo, nesses dias cada um deles ia ficar na sua própria rede durante um mês. Enquanto isso, as mães deles iam preparando os instrumentos importantes para eles, como adornos e outros. Por isso, quando os adornos eram finalizados, os dois eram preparados para fazerem a pintura no outro dia bem cedinho, a partir das 6:00 horas da manhã. A menina era pintada da pintura de *orowi* e o menino era pintado de pintura *kwaxiãra*.

Os dois recebiam vários ornamentos tradicionais importantes para que os dois estivessem comprometidos verdadeiramente.

Nesse momento, também ficava bem claro, que durante o namoro deles, não era permitido ter relação sexual, porque faz parte da regra do casamento, ou seja, se tiver a relação sexual, a moela da menina pode cair, por isso, o casamento tradicional é muito respeitado.

Por isso, tanto o menino quanto a menina *Tapirapé* muda o nome de acordo com o costume, e essa mudança de nomes acontecia durante a festa ou cerimônia elaborada na aldeia

pela comunidade, deixando seu nome de criança que não poderia mais ser pronunciado pelas pessoas das aldeias. O nome novo era escolhido pelos mais velhos⁴.

À noite esse nome era divulgado através de um canto no terreiro da *Takãra* (casa dos homens), chamando-se a atenção das pessoas para ouvi-lo.

Ao lado, o pai, a mãe e os irmãos e irmãs tem, nesse momento, o direito de mudar de nome, caso eles queiram. Se eles quiserem eles podem escolher nomes novos para todos os membros da família. Mas isso, só se eles quiserem.

Por isso, a partir desse momento, a convivência do rapaz seria a participação na vida adulta.

Na segunda menstruação da menina, o resguardo durava menos tempo, não mais um mês, mas apenas uma semana. Eram um pouco diferentes os enfeites deles usados na primeira menstruação, como por exemplo: pintura diferente, pintura de cabelo com urucum totalmente diferente da primeira. Plumagens coloridas também eram utilizadas da mesma forma que anteriormente.

Durante o resguardo da menina, era deixada uma pedra embaixo da rede dela, para ela pisar na pedra, o que simbolizava que a moça não devia andar de qualquer jeito e que não saísse de perto da casa dos seus pais.

Nesse caso da segunda menstruação, também eles continuam tomando somente *cauim* (*chicha*) e não era permitido comer carne.

Depois que os dois eram liberados para enfeitar e adornar os seus corpos, à noite às 19:30 ou 20:00 horas, também era liberado para realizar o casamento, com a participação de todos os familiares da mulher e do homem para que esse casamento fosse cumprido, respeitado e com muita responsabilidade de levar o casamento deles até o fim da vida. Isso é o comprometimento do casamento tradicional do povo *Apyãwa* de não separar.

Os dois recebiam a educação dos pais, avôs, tios e dos parentes próximos durante o resguardo deles, principalmente sobre os alimentos e o futuro do casamento deles, de respeitar a sogra, o sogro, os cunhados e as cunhadas.

Por isso, nós do povo *Apyãwa*, temos um grande respeito para que seja continuado e cumprido pela nova geração do nosso povo *Apyãwa*, isso é fundamental para os nossos jovens.

Também os dois recebiam a educação dos anciões da seguinte forma: tanto para a menina como para o menino, eram preparadas as comidas, artes feitas pela menina, pintura corporal, tudo aquilo que as mulheres fazem, também era feito pelos homens. Por isso, os dois

⁴ Os meninos mudam o nome na fase de rapazinho, e a menina mudam o nome, na primeira menstruação.

eram iniciados dentro da casa durante o seu resguardo, com isso a aprendizagem deles seria acompanhada pelos mais velhos (as) para que os dois aprendessem corretamente as coisas que eram ensinadas pelos pais, avôs, tios e os parentes mais próximos. E essa é uma prática ainda na atualidade.

3.1 Como era o casamento tradicional em 1935

Herbert Baldus (1970) foi um antropólogo que visitou o nosso povo *Apyãwa* várias vezes entre os anos de 1935 a 1947. Em seu livro, ele cita um pouco sobre a ocorrência do casamento do povo *Apyãwa* dizendo que observou a importância do casamento para esse povo.

Ele escreveu sua observação a respeito do casamento do nosso povo da seguinte forma:

Uma noite, em 1935, estando eu sentado na praça da aldeia e observando um menino de onze a treze anos dançando chanckui (Xakowi), apontaram-me uma menininha de apenas um ano sentada no colo de uma tia dizendo ser a pequenina a mulher daquele dançarinozinho. (BALDUS, 1970, p. 293)

O autor explicou que na cultura dos não indígenas, geralmente também acontece de entre amigas grávidas os filhos serem prometidos em casamento, mas em tom de brincadeira, sem que os filhos, quando adultos, precisem cumprir a promessa das mães. No que se refere ao povo *Apyãwa*, segundo o autor, ser menor não era motivo para que o casamento não acontecesse.

O autor registra também os casamentos das diferentes idades. Ele escreveu que observou em 1947 que não havia moça casada cuja idade calculou em menos de 16 anos, mas, em contraste com o ano de 1935, na casa c1, o rapaz de 27 anos era casado com uma moça de 14 anos, e uma esposa de 24 anos era casada com um rapaz de 16 anos, e na casa g1, o rapaz de 51 era casado com esposa de 12 anos, e uma esposa de 50 anos, casada com um rapaz de 17 anos (BALDUS, 1970, p. 295). Naquela época também era permitido às mulheres mais velhas que se casassem com homens mais novos. E atualmente, as famílias não autorizam casamento com mulheres mais velhas. Baldus (1970) também registrou as causas da separação daquela época.

Como causas das separações mencionavam-se, no caso de *Xaopoko*, briga com a mulher, o que levou o marido a abandoná-la e, nos casos de *Mae'yma* e *Maakapi*, o fato de estes dois terem batido na mulher, que, em conseqüência, os deixou. Não se evidenciou expressamente o papel do ciúme nestes acontecimentos. (BALDUS, 1970, p. 298).

Charley Wagley (1988) também relatava o casamento dos nossos avôs e avós durante a sua convivência com eles da seguinte maneira:

Em 1939, um ou dois jovens foram forçados a casar com mulheres muito mais velhas. Por exemplo, Opronunchwi (Oparaxowi), que tinha aproximadamente 20 anos, viveu durante um ano com uma mulher de quase 50. E vários homens maduros tomavam como “noivas” meninas de seis a sete anos. Justificavam tais uniões dizendo estarem “criando suas próprias esposas”. Contaram-me ser esta uma velha prática, vigente antes mesmo de haver escassez de mulheres, e que uma esposa criada desde a infância pelo marido seria uma boa companheira para o resto da vida (WAGLEY, 1988, p. 156-157).

O autor observou que os esposos maduros não tinham relação sexual com suas noivas e nenhum deles mostrava-se disposto a esperar seis ou sete anos até a moça amadurecer suficientemente para o intercuro sexual. Contudo, estes homens tornavam-se membros do grupo doméstico da noiva por algum tempo. As mães das meninas que estavam prometidas em casamento cozinhavam e carregavam água potável para os futuros maridos, enquanto os futuros maridos trabalhavam junto aos “cunhados” para manter o grupo doméstico.

No capítulo seguinte, trago alguns dados que foram coletados através de uma entrevista com um sábio da aldeia sobre a gestante Apyãwa e também o resultado de um levantamento feito com mulheres que já tiveram filhos. O objetivo da pesquisa com as mulheres era conhecer o número de partos normais e o número de partos de cesariana que já foram realizados pelas mulheres da aldeia Apyãwa.

CAPÍTULO IV – A IMPORTÂNCIA DA GESTAÇÃO APYÃWA

Para entender melhor sobre a importância da gestação das mulheres Apyãwa realizei somente uma entrevista com o ancião da aldeia que é meu próprio pai, o senhor Xywaeri José Pio Tapirapé, com 68 anos de idade, morador da Aldeia *Tapi'itãwa*, grande conhecedor da cultura Apyãwa.

A entrevista foi realizada no dia 20 de junho de 2015, na Aldeia *Tapi'itãwa*, Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa, em Mato Grosso.

No início, ele citou sobre a importância do resguardo das mulheres Apyãwa que é importantíssimo para o nosso povo e que faz parte da cultura Apyãwa. Por isso, o resguardo durante a gestação é bem respeitado de não comer qualquer coisa, pois comer qualquer alimento pode ocasionar o nascimento de uma criança deficiente. Ao perguntar sobre como era o resguardo das gestantes, o ancião contou que antigamente todas as gestantes tinham regra para serem cumpridas durante a gravidez. Com relação à alimentação, no caso da gestante, o casal tem a comida certa para eles. Dos peixes, ao casal não era permitido comer Cará, Iú e Sabão; de aves eles não consumiam Mutum, Jacu verdadeiro, Jacobi; de animais não comiam Quati, Paca, Cutia, Veado, filhote desmamado do Queixada e do Cateto. Das frutas, apenas não era consumida a Mangaba. Esses alimentos que não eram permitidos consumir durante a gestação de uma mulher Apyãwa, pois se acreditava que eles poderiam fazer mal para o bebê Apyãwa.

Por isso, a mulher tinha que respeitar muito essa regra da gestação, e ela não deveriam fazer trabalho pesado, devia fazer um trabalho bem leve, como fiar algodão. Isso era trabalho da mulher gestante e, da mesma forma, um homem Apyãwa que a sua mulher tivesse gestante teria de fazer um trabalho leve, não podia trabalhar nem com machado e nem com facão, porque poderia machucar o bebê na barriga da mãe.

Perguntei ao ancião se havia algum medicamento que a gestante usava durante a gestação e ele respondeu que a gestante não usava chá de alguns tipos de ervas, usava esse remédio tradicional para evitar a dor no parto, mas não eram todas as ervas que poderiam (e que podem) ser usadas para fazer chás porque algumas são abortivas. A gestante parava de fazer sexo com cinco meses de gravidez e poderia manter relação sexual de três em três meses, e assim, o marido poderia ter relação sexual com outra mulher.

O ancião narrou que são parteiras que fazem o parto tradicional usando chá de erva para facilitar o trabalho de parto e de não deixar sentir tanta dor. A gestante ficava sentada na rede, abrindo duas pernas e antes a parteira faz um buraco bem no meio da rede para facilitar o nascimento de um bebê. No hábito dos *Apyãwa*, a parteira que segurava a criança recém-nascida

sempre recebia alguns objetos como pagamento, poderia ser uma rede ou outro objeto, como um cesto, uma peneira, dentre outros. Os pais das crianças é que pagavam a parteira.

Alguns nascimentos de criança são bem demorados e alguns não são e isso também depende da mulher gestante. Depois do parto, a placenta é enterrada dentro da casa da mulher que teve o bebê.

Depois do trabalho de parto a mulher tinha outra regra para cumprir, ela ficava um mês de resguardo sem comer comida pesada. Só tomando *chicha* (*Kawi*), depois disso quando o umbiguinho do bebê caía os pais do bebê eram pintados de jenipapo e passavam urucum no cabelo e já estavam liberados para comer peixe. E então ele poderia ir à mata para pegar o líquido do timbó para tomar umas três ou cinco gotas e também passava em cada articulação de seu corpo para prevenir reumatismo. E na mulher passava líquido do timbó somente nas mamas. Mas, o resguardo das mulheres demorava mais do que o resguardo do homem e nela é passada urucum no cabelo. Depois disso, também é liberado para ela comer peixe. Tudo isso, faz parte da nossa verdadeira cultura.

A fala do meu povo do gênero masculino e do gênero feminino Apyãwa faz parte da nossa verdadeira cultura e identidade étnica. Existem algumas palavras que são usadas apenas pelos homens, e, também, existem palavras que são usadas apenas pelas mulheres. É como se homens e mulheres tivessem formas específicas de conversar entre si, mulheres com mulheres e homens com homens, apenas. A língua é considerada um ponto forte e marcante da cultura Apyãwa. Sem a língua materna do povo *Apyãwa* nós não somos um povo legítimo brasileiro e não podemos praticar as nossas festas tradicionais. Por isso, o uso das falas de cada um, homem e mulher, acontecem no dia-a-dia na nossa aldeia.

Assim, o meu povo valoriza as duas falas de cada um desses gêneros, mulher e homem, para que futuramente a nossa identidade étnica continue sendo viva e forte para a nova geração Apyãwa.

A seguir seguem quadros com o resultado da coleta de dados que realizei na aldeia com todas as mulheres que tem filhos. O objetivo da pesquisa com essas mulheres era saber quantas tiveram partos normais e quantas delas tiveram parto cesariano. Realizei essa coleta no dia 21 de junho de 2015, com as mulheres que tiveram filhos.

Quadro 01 – Relação de mulheres que tiveram filho (primeiro dia de coleta)

MULHER	IDADE	ESCOLARIDADE	SE JÁ MOROU NA CIDADE	Nº DE PARTO TRADICIONAL	Nº DE PARTO NA CIDADE
1) Marexapytyga	25	Ensino Médio	Não	03	01
2) Mareapawygi	24	Ensino Médio	Não	01	02
3) Maray	34	2º C, 2ª F	Não	05	01
4) Koxamy'i	32	Ens. Superior	Não	02	
5) Mawixike'i	21	Ensino Médio	Não	02	
6) Xe'akawygoo	18	Ensino Médio	Não		01 Cesárea
7) Mareapio	25	Ensino Médio	Não	05	02
8) Tame'i	43	Analfabeta	Não	01	02
9) Kato'ywa	22	Ensino Médio	Não		02
10) Maxaja	75	Analfabeta	Não	05	
11) Warara'i	29	Ensino Médio	Não		02
12) Marawyky'i	23	Ensino Médio	Não		01
13) Mareapawyga	20	Ensino Médio	Não	01	01
14) Kaj'i	47	2º C, 3ª F	Não	06	01
15) Piri'i	25	Ensino Médio	Não	02	01
16) Noxa'i	22	Ensino Médio	Não	01	01
17) Xairowi	33	Ensino Médio	Não	06	
18) Atapa	53	Analfabeto	Não	07	01
19) Iparewao'i	90	Analfabeto	Não	01	
20) Pawygoo	35	2º C, 3ª F	Não	03	02
21) Ataxowoo	26	2º C, 3ª F	Não	02	03
22) Koa'aaro	36	Ensino Médio	Não	07	
23) Akoxi	54	Analfabeto	Não	07	01
24) Moray'i	36	Ens. Superior	Não	02	02
25) Marexa	16	3º C, 3ª F	Não		02
26) Koxamokoaxiga	22	Ensino Médio	Não		01 Cesárea
27) Iparewa	56	Analfabeta	Não	08	
28) Mareromyo	34	Pós-Graduação	Não	04	
29) Koxamare'i	41	Pós-Graduação	Não	04	
30) Koxamy	16	3º C, 3ª F	Não	Está gestante	
31) Mytyga	38	Ensino Médio	Não	06	01
32) Mareaparyga	19	Ensino Médio	Não		01
33) Marapiraki	35	2º C, 2ª F	Não	04	02
34) Mareapatyri	16	3º C, 3ª F	Não		01

Fonte: Organizado pelo autor, 2016

Das trinta e quatro primeiras mulheres entrevistadas, trinta e duas tiveram parto normal, e duas delas tiveram cesarianas. Noventa e cinco partos foram partos tradicionais, realizados na aldeia, e trinta e cinco foram realizados na cidade.

Esses dados demonstram que as mulheres ainda estão tendo filhos optando pelo parto tradicional, realizado junto ao seu povo.

Os dados permitem observar também que as mulheres mais velhas, tiveram seus filhos na aldeia, enquanto que as mais novas estão tendo filhos na cidade. Outras tiveram filhos na aldeia e na cidade.

A seguir, o segundo quadro com os dados da pesquisa coletados no terceiro dia de pesquisa de campo.

Quadro 02 – Relação de mulheres que tiveram filho (terceiro dia de coleta)

MULHER	IDADE	ESCOLARIDADE	SE JÁ MOROU NA CIDADE	Nº DE PARTO TRADICIONAL	Nº DE PARTO NA CIDADE
1) Ipa'ywa	56	Analfabeto	Não	05	01
2) Karaxamori	40	Ensino Médio	Não	02	
3) Mypytygi	42	3º C, 1ª F	Não	05	
4) Marewa	20	Ensino Médio	Não	01	
5) Taipa	62	Analfabeto	Não	05	
6) Koxapao	38	Pós-Graduação	Não	01	03
7) Eirowa	36	3º C, 1ª F	Não	05	2 – 1 Cesária
8) Mareaparawi	18	Ensino Médio	Não		01 Cesária
9) Arareme'i	28	Ensino Médio	Não	01	01
10) Koxamare	29	Ensino Médio	Não	06	
11) Koxawiri	32	Pós-Graduação	Não		01 Cesária
12) Akoxirawoo	36	3º C, 1ª F	Não	05	2 – 1 Cesária
13) Tage'ymi	57	2º C, 2ª F	Não	09	
14) Taipaxiri'i	23	Ensino Médio	Não	01	02
15) Ta'aka	51	Analfabeto	Não	09	01
16) Mareapatyroo	21	Ensino Médio	Não		02 Cesária
17) Mikato	34	2º C, 3ª F	Não	03	01
18) Marawyky	31	Ensino Médio	Não	06	
19) Taparawoo'i	22	Ensino Médio	Não	01	03
20) Taparawi	55	Analfabeto	Não	12	
21) Tokari'i	28	Graduação	Não	03	01
22) Tamane	40	Ensino Médio	Não	05	01
23) Ypiwi	25	Ensino Médio	Não		02
24) Tajpaxigoo'i	42	Pós-Graduação	Não	05	
25) Marapy'i	20	Ensino Médio	Não		02
26) Ataxowytyga	17	Ensino Médio	Não		01
27) Katypyxowa	25	Ensino Médio	Não	01	01
28) Mareapawygi	88	Analfabeto	Não	07	
29) Marape	46	Ensino Médio	Não	03	
30) Mareapii	25	Ensino Médio	Não	01	01
31) Myaxowi	17	3º C, 3ª F	Não		01
32) Habenaki	17	3º C, 2ª F	Não		02 Cesária

33) Tapapytyga	22	Ensino Médio	Não	01	01
34) Katowyga	38	Ensino Médio	Não	05	03

Fonte: Organizado pelo autor, 2016

Das trinta e quatro mulheres entrevistadas, vinte e sete tiveram parto normal, e sete delas tiveram cesarianas. Cento e oito partos foram partos tradicionais, realizados na aldeia, e vinte e sete foram realizados na cidade. Algumas mulheres tiveram partos tradicionais e também partos na cidade, e algumas ainda tiveram partos tradicionais, na aldeia e parto cesarianos, na cidade, mas esse número é bem menor.

Esses dados demonstram, mais uma vez, que as mulheres ainda estão tendo filhos optando pelo parto tradicional, realizado na aldeia.

Do mesmo modo que no quadro anterior, os dados permitem observar que as mulheres mais velhas, tiveram seus filhos na aldeia, enquanto que as mais novas estão tendo filhos na cidade.

A seguir, o terceiro quadro, com os dados da pesquisa coletados no quinto dia de pesquisa de campo.

Quadro 03 – Relação de mulheres que tiveram filho (quinto dia de coleta)

MULHER	IDADE	ESCOLARIDADE	SE JÁ MOROU NA CIDADE	Nº DE PARTO TRADICIONAL	Nº DE PARTO NA CIDADE
1) Habibi	42	2º C, 3ª F	Não	06	01
2) Ykyxo'i	36	2º C, 3ª F	Não	04	02
3) Taixowoo	53	Analfabeto	Não	10	03
4) Iparewao	37	2º C, 3ª F	Não	03	01 Cesárea
5) Myere'i	15	3º C, 2ª F	Não		02 Cesárea
6) Marapipeo'i	20	Ensino Médio	Não		01 Cesárea
7) Awokopytyga	28	Ensino Médio	Não		02
8) To'ixigoo	27	Ensino Médio	Não	03	01
9) Koxamyo'i	36	2º C, 3ª F	Não	07	
10) Marapipe'i	43	2º C, 3ª F	Não	08	01
11) Maneri'i	24	Ensino Médio	Não		01
12) Ixenahiru	58	Analfabeto	Não	07	
13) Ipa'yma	25	Ensino Médio	Não		01
14) Mareakeri	20	Ensino Médio	Não		01
15) Koxapa	49	Analfabeto	Não	05	01
16) Mareakawio'i	19	3º C, 3ª F	Não		1 – 1 Cesárea
17) Moo'i	34	3º C, 1ª F	Não	04	1 – 1 Cesárea
18) Arapaxowa	20	Ensino Médio	Não		02

Fonte: Organizado pelo autor, 2016

Das dezoito mulheres entrevistadas, dez tiveram parto normal, e oito delas tiveram cesarianas. Cinquenta e sete partos foram partos tradicionais, realizados na aldeia, e dezesseis foram realizados na cidade. Algumas mulheres tiveram partos tradicionais e também partos na cidade, e algumas ainda tiveram partos tradicionais, na aldeia e partos cesarianos, na cidade, mas esse número é bem menor. Foram apenas cinco cesarianas realizadas.

Esses dados demonstram, mais uma vez, que as mulheres ainda estão tendo filhos optando pelo parto tradicional, realizado na aldeia. Novamente, como os dados anteriores demonstraram as mulheres mais velhas, tiveram seus filhos na aldeia, enquanto que as mais novas estão tendo filhos na cidade.

A cultura do povo *Apyãwa* mudou substancialmente após a inserção de alguns artefatos pertencentes à cultura ocidental. Pode-se considerar a energia elétrica como algo de bastante impacto principalmente com a entrada o aparelho de televisão. A cultura já sofreu uma transformação significativa. Outro objeto que também transformou bastante o modo de viver do povo foi a geladeira, o que incidiu diretamente sobre a alimentação do povo. Na atualidade se têm alimentos que antes da entrada da geladeira não tínhamos acesso, como o geladinho feito de suco em pó industrializado. Embora tenhamos o suco de frutas naturais, temos também os sucos artificiais.

O freezer também modificou os hábitos alimentares. Os peixes que antes eram consumidos imediatamente à pesca, agora podem ser congelados para serem consumidos posteriormente. A geladeira e o freezer, ambos, vêm substituindo o moqueado tradicional dos peixes e carne de caçada.

Mas parece que o maior dano foi trazido pela televisão, porque as crianças se envolvem demais assistindo desenhos animados e com isso quase não resta tempo para brincar as brincadeiras da cultura *Apyãwa*, e isso pode ser um risco à identidade cultural do povo já que as brincadeiras tradicionais poderão cair no esquecimento. A influência da televisão é mais nociva do que a entrada do telefone celular, por exemplo.

A seguir, informo sobre o parto e os primeiros cuidados com o bebê.

4.1 Sobre o parto e os primeiros cuidados com o bebê

Eunice Dias de Paula foi a primeira professora da nossa Escola desde 1952 e até hoje ela convive conosco. Em sua monografia que recebeu o título de: “O Ciclo de Vida *Apyãwa*”.

As categorias de idade e o parto e os primeiros cuidados com o bebê” (1997), ela fala sobre a dieta que é feita pelo casal de pais. A autora observa que ambos fazem dieta alimentar própria do período de gestação, a fim de que a criança seja bem gerada. O pai também deve se abster de fazer serviços mais pesados, com particular atenção nos últimos meses da gravidez. Tanto os pais como as avós “conversam” com a criança dentro do ventre materno, recomendando-lhe para que nasça bem.

Essa relação entre os adultos e a criança mostra uma característica essencial da educação Tapirapé, que vai se repetir pela vida afora – reconhece-se na criança um grande grau de autonomia – é ela quem vai nascer bem, não os adultos que vão fazê-la nascer bem.

O parto se constitui num momento muito especial: quando começam as contrações, a parteira, que pode ser a avó ou outra mulher mais velha da família, massageia a barriga da mãe com alguns grãos de amendoim moídos, incentivando continuamente o bebê para nascer bem e, ao mesmo tempo, acalmando a mãe. O ambiente é preparado para ficar em penumbra e as crianças maiores são retiradas para evitar barulho. A expectativa do nascimento é partilhada por todas as pessoas da aldeia – não se prepara nenhuma comida nova, enquanto a gestante estiver em trabalho de parto. Se por acaso houver sobras de algum alimento cozido anteriormente, como cauim ou peixe assado, deve ser consumido rapidamente ou serão jogados fora assim que o nenê vir à luz. O mesmo acontece com a água armazenada nos potes de barro. Por isso, a família da parturiente deve avisar a todos quando se inicia o trabalho de parto. Se alguém comer desavisadamente alguma comida que já estava pronta, pode solicitar “pagamento” da família da criança que nasceu. E na atualidade, essa prática continua a acontecer. A comida só pode ser servida, após o nascimento da criança.

A autora escreve que no período pós-parto, o pai e a mãe observam repouso, dentre outros preceitos, genericamente chamados de “couvade”. Mantêm rigorosa dieta alimentar, só podendo ingerir cauim, uma espécie de mingau que preparamos com arroz ou milho pilado. Nos dias atuais, o pai fica só quatro ou cinco dias de repouso, uma vez que as necessidades dos outros filhos (há casais com seis, ou mais filhos) exigem que ele retorne mais cedo às necessidades normais, diferentemente do que ocorria antes, no passado, quando o número de criança era menor. Continuam, porém, cumprindo as exigências prescritas para que nada de mal aconteça ao bebê – para poder sair do resguardo tem que se pintar com jenipapo e passar urucum nos cabelos. Entretanto, a mãe fica em repouso pelo tempo que durar o sangramento pós-parto. Quando isso acontece poderá sair, desde que seus cabelos sejam untados com uma densa camada de pasta de urucum.

O bebê também recebe pasta de urucum pelo corpo, ele é massageado de preferência com o urucum amarelo, e recebe intensos cuidados até que caia o umbigo, cujo cordão ressequido é amarrado no punho da rede da mãe. Isto é feito para que, se porventura ocorra o óbito daquela criança, o cordão umbilical seja enterrado junto.

Eunice Dias de Paula (1997) escreveu que segundo as concepções Tapirapé, se o pai precisar sair da aldeia, para buscar lenha, ir à roça ou caçar, deverá levantar uma pequena barreira de areia na estrada, logo após a saída da aldeia, para evitar que o espírito da criança não o acompanhe, pois poderá ficar perdido na mata. Evidenciam-se, assim, inúmeros cuidados preventivos que são praticados pelos genitores e avós com o intuito de garantir a boa saúde do bebê.

Depois que passam urucum, os pais podem comer outros alimentos, mas é mantida uma dieta com restrição específica até o momento que a criança desmama que geralmente ocorre entre um ano e meio a dois anos de vida. Não é raro que qualquer problema que aconteça com a criança seja atribuído a um descuido alimentar dos pais.

A mulher chama seu filho de *xememyra*, referindo-se tanto às meninas como aos meninos, enquanto que o pai diz *xera'yra* para os filhos e *xeraxyra* para as filhas. O nome próprio da criança vai ser dado por um avô ou avó e já pertenceu anteriormente a um parente da família. Eunice Dias de Paula explica que na puberdade, quando há troca de nomes, a criança recebe o mesmo nome que este antecessor ou antecessora usava quando jovem. Dessa forma, os nomes próprios são patrimônios familiares, herdados sucessivamente pelos membros de um mesmo grupo familiar. Há, ainda, um nome designativo da faixa etária na qual a criança se encontra – o recém-nascido do sexo masculino é chamado de *xikōja* ou *nami'i*, enquanto que a menininha é chamada de *mireriou atai'i*.

A ocasião do desmame também é celebrada de modo especial – durante aproximadamente um mês os pais guardam uma dieta ainda mais rigorosa do que a que vinham observando. Para que a criança vá se desacostumando de mamar, a mãe cola com resina vegetal, chumaços de algodão sobre os próprios seios. Hoje há muitas que usam sutiã para fazer o mesmo efeito. Ao fim desse período, a criança é pintada com jenipapo e urucum, enfeitada com muitas contas, penugens de pato e penas de arara e todos sabem que ela deixou de mamar. Há na língua um verbo, *apa'ak*, 'ela parou de mamar', designando exatamente essa mudança na vida da criança e o cerimonial que a acompanha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho de pesquisa aprendi muitas coisas sobre a língua materna, principalmente sobre “a fala de mulher” que eu não conhecia muito. Aprendi, também, quando realizei essa pesquisa para saber que existe um modo de falar que é das mulheres, e um modo de falar que é dos homens. Palavras que só as mulheres usam quando estão juntas, e palavras que só os homens usam quando estão juntos. Existe uma regra de uso da fala masculina e da fala feminina.

Descobri, também, que a mulher tem própria palavra para falar entre elas, que não é usado para homem. As palavras FEMININAS são: *KÃ, A'I, ROPY, KI'I, KE'E, AKY, APAXI*. Essas palavras usadas somente no diálogo entre mulheres.

Agora o homem também tem próprias palavras para falarem entre eles. As palavras MASCULINAS são: *ARI, KWI, WÃ, APEXAKAT*. Essas palavras só os homens podem usar entre eles, ou seja, não são usadas pelas mulheres.

Então, foi assim que cheguei no meu objetivo e que aprendi essas diferenças entre as palavras MASCULINAS e FEMININAS na cultura Apyãwa.

Aprendi principalmente sobre as gestantes, que antigamente as mulheres faziam o parto tradicional na aldeia. Mas agora, nos dias atuais, muitas delas estão indo ter os seus filhos na cidade.

O trabalho não foi fácil, mas através dos entrevistados, e das mulheres da aldeia que tiveram filhos e que concordaram em participar da pesquisa, a minha aprendizagem melhorou. Agora espero que este trabalho sirva para a Escola como material didático e demais interessados no tema da gestação das mulheres Apyãwa.

REFERÊNCIAS

BALDUS, Herbert. **Tapirapé**: Tribo Tupi no Brasil Central. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

PAULA, Eunice Dias de. **Escola Tapirapé**: processo de apropriação de educação escolar por uma sociedade Tupi. Monografia final do curso de Pedagogia apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT, Luciara, MT, 1997.

WAGLEY, Charles. **Lágrimas de boas-vindas** – os índios Tapirapé do Brasil central. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1988.

CONSULTOR NATIVO

Xywaeri José Pio Tapirapé. Entrevista realizada em: 20 de junho de 2015 na Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa, em Mato Grosso.